

*Estratégias de resistência do trabalhador na literatura brasileira contemporânea:  
um estudo sobre José Falero e Ana Paula Maia*

Ivo Falcão da Silva<sup>1</sup>

O que vemos só vale - só vive - em nossos olhos pelo que nos olha.  
Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha.  
Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que  
o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois". (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.29)

A epígrafe que encabeça este texto nos leva ao lado de Georges Didi-Huberman a entender que o olhar é um movimento em dupla direção. A proposta do filósofo está situada em nos apartar de uma lógica causalista e simplória de que só apreendemos através do olhar que se lança para o outro. Em verdade, apreender o vazio do olhar que também nos é lançado é de mobilizadora força signica. Cabe, neste sentido, próximos ao objetivo desta comunicação, posicionar nossos olhos no vácuo do olhar dos trabalhadores brasileiros contemporâneos que nos miram constantemente - na vida e no texto.

Do que os noticiários nos entrega em profusão de imagens, algumas cenas que nos encara: no primeiro semestre do ano de 2023, por exemplo, a sociedade brasileira presenciou, estarrecida, cidadãos brasileiros serem resgatados de vinhedos do Rio Grande do Sul por exercerem atividades laborais equivalentes à escravidão, seja por não terem os seus direitos trabalhistas garantidos ou até mesmo pelas submissões humilhantes as quais eram assujeitados a ter de conviver (Repórter Brasil, 2023). Ainda pudemos ver, com a mesma estupefação, o entregador Max Ângelo sendo açoitado por uma ex-atleta, à luz do dia, no bairro de São Conrado, em São Paulo, no ato de uma entrega solicitada por aplicativo (Sousa, 2023).

No ano de 2012, o funcionário de uma fazenda em Campo Formoso, Minas Gerais, teve seu direito trabalhista de insalubridade negado, mesmo trabalhando numa composteira e no trato com os corpos e restos de animais. A negativa dada ao trabalhador mostra que o trabalho duro, extenuante e difícil não foi considerado como tal, mas, somente uma atividade cotidiana laboral não meritória de adendos financeiros. (Justiça do trabalho, 2023).

<sup>1</sup> Ivo Falcão da Silva é mestre e doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Na mesma instituição, atualmente cursa o Estágio Pós-Doutoral com a supervisão de Prof. Dra. Lígia Telles. Pertence ao quadro efetivo de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus de Simões Filho.

Portanto, essas cenas iniciais são apenas três breves retratos da "nova morfologia do trabalho, seu caráter multifacetado, polissêmico e polimorfo" (Antunes, 2021, p. 139). Com os adventos das tecnologias digitais, o discurso neoliberal e empreendedor, vimos as relações trabalhistas na lógica do capital sofrerem grandes abalos e transformações. No epicentro dessas mudanças, o trabalhador atravessa por tortuosos caminhos e parece-nos que procura encontrar quais serão essas novas trilhas a serem percorridas. Longe dos oásis prometidos pelas plataformas digitais de trabalho, encontram-se chafurdados na expropriação.

Já para o professor Giovani Alves, ao tratar da relação entre fetichismo, mercadoria e capitalismo, salienta que: "O mundo do trabalho estranhado que é o mundo do capital, é constituído por múltiplas formas-fetiches, onde podemos salientar o fetichismo do dinheiro, através do qual o enigma do fetichismo da mercadoria torna-se visível e ofuscante, até o fetichismo do Estado ou fetichismo da técnica". (Alves, 2007, p. 15). Com isso, é possível atrelarmos a relação estreita que o trabalho historicamente vem estabelecendo com a dor e hoje, com novos requintes e modulações, novas estratégias de sofrimento e exploração.

Diante dessa cartografia introdutória, a proposta desta apresentação está circunscrita em compreender de que modo a literatura brasileira contemporânea vem apresentando o trabalho e o trabalhador em sua produção. Cabe-nos, entender, também, em que medida a literatura vem modulando as transformações que os sistemas de trabalho vêm sofrendo no século XXI.

A partir do levantamento que vem sendo feito pela pesquisa de estágio pós-doutoral: *Outros suores, outras resistências: imagens do trabalho e do trabalhador em narrativas brasileiras contemporâneas* (2018-2022), supervisionada pela Prof. Dra. Lígia Guimarães Telles, selecionamos dois autores, Ana Paula Maia e José Falero, para apresentar como os seus romances vêm trazendo aspectos significativos para a discussão do tema do trabalho em sua interface com a contemporaneidade.

Iniciamos com Ana Paula Maia, escritora e roteirista carioca com seus livros publicados no Brasil e já traduzidos no exterior. Focaremos em seu sétimo livro, de 2018, *Enterre seus mortos*. Porém, vale um adendo antes de focarmos neste romance e diz respeito, mais especificamente, ao seu protagonista: Edgar Wilson. O personagem não aparece de modo inédito no livro de 2018, mas desde as suas duas novelas: *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, de 2009. Como um personagem que "persegue" as suas tramas de modo circular e incessante, Edgar Wilson reaparece mobilizando outros espaços de residência e labor. O que nos chama a atenção são os trabalhos que executa, normalmente aqueles que são vistos como sendo abjetos ou socialmente desvalorizados.

Em sua primeira aparição, no romance *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*, Wilson trabalha como abatedor de porcos. Em um espaço de trabalho insalubre e impregnado de sangue dos animais, o personagem mostra perícia no trato com os animais abatidos - hábil em deslocar ossos e proceder com o exato corte na carne dos animais. A crueza da ação de abater parece que mobiliza o seu estado de humanidade, um tanto frio na condução de suas relações, mas, contraditoriamente em excesso de humanidade possível em um mundo contemporâneo carente de afetos. Carência de amor que faz Edgar matar pessoas com a mesma naturalidade que extirpa a vida dos porcos: assina as mortes da irmã de seu amigo, Gerson<sup>2</sup> e da sua namorada, Rosemary<sup>3</sup>. Mas vai ser, ainda, o mesmo (e complexo) personagem que vai se mostrando no desenrolar da trama companheiro dos seus parceiros na lida do trabalho.

Dando um salto para 2018, em *Enterre seus mortos*, encontramos Edgar Wilson no trabalho com outra aspreza: o de catar animais que ficam na estrada, mortos. Nas primeiras cenas do romance, Edgar está diante de um moedor de animais, os mesmos que ele encontra morto nas estradas e precisa dar um final para eles. A trama vai se desenrolando no seu cotidiano de trabalho ao encontrar outros trabalhadores com a mesma função ou com uma atribuição diferente.

Diante da leitura do texto de Ana Paula Maia, somos confrontados com a violência e somos apresentados a uma linguagem que rasga os limites daquilo que negamos a encarar. Somos posicionados de forma direta perante a homens que têm de fazer os trabalhos que são socialmente vistos como sujos, violentos e repulsivos, vejamos: "- Então é isso. Edgar Wilson suspende com a ponta do cabo de vassoura o osso da costela ainda preso no pouco que restou da coluna vertebral do animal e, com um movimento suave, gira-a até que esteja fora do tanque triturador e a joga no chão."(Maia, 2018, p.10); ou, em outra passagem que revela o seu cotidiano laboral: "Edgar Wilson apanha no meio da estrada um gambá que morreu de olhos arregalados. Suspende-o pelo rabo usando luvas de borracha para se proteger." (Maia, 2018, p. 13). Em ambos os trechos e na sequência da sua narrativa, a autora vai colocando o

2 Na trama, Gerson doa o rim para a sua irmã, contudo, em determinado momento, começa a padecer com a falta do órgão que fora doado. Com um comportamento objetivo e áspero, o hábil tratador de porcos, Edgar Wilson, orienta o amigo a simplesmente recuperar o rim retirando-o sumariamente da mulher. E, assim, Edgar Wilson remove o órgão com a mesma minúcia cirúrgica que procede com os seus animais. As mortes dos animais e humanas desfilam com a ausência da dor e do luto - objetificado. O rim é colocado no congelador e, por irônico desfecho, é degustado como petisco, por engano, no seio da família de Gerson.

3 Rosemary é assassinada depois que Edgar Wilson descobre que a companheira tinha um caso extraconjugal. O extermínio da vida não é dotado de problematizações ou sofrimentos pela parte do protagonista. Os humanos são como porcos - fadados à morte.

leitor diante do nojo, da repulsa, por mais que os seus personagens anti-heróis tenham o porte da ética em alguns momentos.

A ética pode ser encontrada no limiar da violência e da compaixão: por mais que o trabalhador de Ana Paula Maia seja aquele que está localizado nas zonas marginais ou invisíveis, eles de formas tortas buscam a sua redenção, mesmo diante da aridez do seu cotidiano de trabalhador. Exemplo disso pode ser percebido quando Wilson busca conceder a dignidade de sepultamento para uma mulher que encontra morta em um de seus dias de trabalho. O personagem frio, de poucas palavras, severo, cru e áspero, sofre nuances de potência de vida ao se colocar como uma Antígona e dar dignidade àquele corpo encontrado "[...] e olha mais uma vez para a frente quando um risco de luz ilumina o rosto da mulher enforcada que balança suavemente pendurada numa árvore."(Maia, 2018, p. 39).

De acordo com Isabel Belezia (2010, p. 212), a prosa de Ana Paula Maia: " [...] ao situar a narrativa no âmbito mais amplo da marcha desgovernada da humanidade e levar em conta a importância de a recepção dos textos ficcionais colocar em suspenso a moral, o leitor consegue experimentar compaixão por essas figuras.". Personagens que são errantes, mas carregam sinais ainda pulsantes de alguma humanidade. O que é colocado em xeque por Maia é: em que medida o trabalho promove o instinto de desumanização nos seus personagens? Como matar e coletar animais se torna uma atividade corriqueira e tal comportamento aflui para as práticas sociais cotidianas.

Quando a falta de direitos e a salvaguarda de vida são negadas a Edgar Wilson e seus parceiros, a reação mais imediata para tal esvaziamento é recorrer às suas próprias leis para poder sobreviver. Não existe uma compreensão lúcida do que é crime, redenção, amor, afeto e humanidade. O que existe é um cavalgamento em desmesura em prol das suas próprias sobrevivências, seja pela morte, seja por aceitar as condições exploratórias de trabalho às quais eram submetidos. A autora, assim, escancara, em tom realístico, como esses personagens começam a legislar por suas próprias regras.

A principal estratégia de resistência dos personagens trabalhadores na caligrafia literária de Ana Paula Maia está situada nas suas pequenas e constantes subversões - mesmo que o trabalho não seja avaliado pelos personagens como sendo desumano. Invalidar comandos de seus chefes, atitudes imprevisíveis no espaço laboral e a troca de trabalhos são as formas possíveis de resistir e subverter. Quando transpomos para avaliar as estratégias de subversão em relação ao trabalho no projeto literário de Ana Paula Maia, podemos perceber a relação de repetição circular de personagens que reaparecem em seus livros em novos postos de trabalho, mas nunca livres de trabalhar de maneira exploratória, dura e rude. A repetição

se dá na diferença dos postos, mas as condições dolorosas de sobrevivência parecem se constituir como labirintos inescapáveis.

Dentro desse mesmo plano de subversão, cabe-nos pensar de que maneira tais pressupostos atravessam a produção de José Falero. Escritor contemporâneo em atividade, Falero já tem três livros publicados: *Vila Sapo* (2020), *Os supridores* (2020) e *Mas em que mundo você vive?* (2021). Nascido no Rio Grande do Sul, a produção literária dele nos traz o universo periférico gaúcho, sua linguagem, seus problemas e entraves sociais, podendo de modo meramente didático (mas limitado) alocá-lo em uma produção marginal sulista. Dentro desse contexto, interessa-nos de modo mais atento nesta apresentação ter um olhar mais atento para o seu livro *Os supridores* que foi aclamado pela crítica e alçou o escritor, inclusive, à indicação do Prêmio Jabuti de Literatura, em 2022.

Em *Os supridores* somos colocados diante de dois trabalhadores do supermercado *Fênix*, Pedro e Marques - os protagonistas da trama. O ato de suprir as gôndolas do estabelecimento gerenciado pelo Sr. Geraldo é a missão cotidiana que os jovens periféricos devem exercer e cumprir. Contudo, desde o início da trama, os jovens pouco se enquadram no perfil estritamente subserviente de um funcionário que trabalha na base do empreendimento. Eles sempre se posicionam em desvio da norma estabelecida, seja por pequenas infrações, tal como por se refestelar dos doces acondicionados no depósito, seja por questionar as ordens estabelecidas pelo gerente. Leiamos a descrição dada pelo gerente do supermercado aos jovens: " Os dois já trabalharam em outras redes, maiores do que a nossa. São rebeldes? São, sim. Mas, olha, eu tenho que admitir que sabem trabalhar como poucos. Até me fazem lembrar de mim mesmo quando eu trabalhava de supridor; a única diferença é que eu não era rebelde" (Falero, 2020, p. 8).

A construção do atributo dado de rebeldia pelo gerente do supermercado a Pedro, diz respeito, em verdade, ao inconformismo e inquietação que sempre atravessaram os questionamentos do personagem, sempre insatisfeito em viver "espremido" entre duas favelas: Vila Viçosa e Vila Nova São Carlos, com uma vida difícil ao lado de sua mãe, afinal "[...] tinha que dar um jeito de ficar rico. Essa ideia andava atormentando-o muito ultimamente. [...] Seus bisavós tinham sido muito pobres a vida inteira, seus avós tinham sido pobres a vida inteira, seus pais tinham sido pobres a vida inteira: até onde iria isso?" (Falero, 2020, p.6). As inquietações apresentadas por Pedro eram mobilizadas, muitas vezes, por suas reflexões dentro do transporte público, enquanto se deslocava para o trabalho, após desenvolver a habilidade de leitura, principalmente dos escritos de Marx que o inquietava profundamente.

Porém, vai ser no enlaçamento de amizade travado com Marques que Pedro vai buscar escapar da ordem de pobreza que lhe foi dada como um testamento precipitado de um futuro de dificuldades. Ambos na mesma condição difícil de vida, ainda mais para Marques que descobriu que a esposa, Angélica, teria mais um filho além do primogênito, Daniel. Vai ser nesse afã de mudança que surge a ideia de um novo empreendimento - de serem os supridores do supermercado, iriam se dedicar a serem supridores de uma falta no mercado de drogas da favela - a maconha. Afinal, as outras drogas tinham ocupado o ranking de maior rentabilidade e, por uma breve pesquisa de mercado, Pedro viu que a venda da maconha poderia ser bem mais rentável. Para isso, estabelece-se uma relação de mestre e discípulo entre os dois amigos para que o negócio se estabeleça. Vide o profícuo diálogo que segue de Pedro para seu companheiro:

Com o trabalho, as pessoas *contribui* na sociedade, tendeu? Com o trabalho, as pessoa *produz*, as pessoas *faz existir* coisa que até então não existia, coisas que as outras pessoa precisa. Só que cada um tem o seu limite. Se o nosso trabalho é fazer camisa, por exemplo, talvez eu consiga fazer umas cinco camisa por dia, mas pode ser que tu seja capaz de fazer seis, não é verdade? E se tu faz mais camisa do que eu, o teu padrão de vida *tem que ser* melhor que o meu. Afinal, tu tá contribuindo mais na sociedade com o teu trabalho pessoal do que eu com o meu. [...] Mas aí eu te pergunto : quantas camisa uma pessoa precisa fazer por dia pra ter um padrão de vida igual ao padrão de vida do dono desta porra dessa rede de supermercado, por exemplo? Hem? [...] Esse cara ganha, *num só mês*, mais do que todo o dinheiro que já passou na tua mão em toda tua vida! E cumé que isso é possível, Marques? Será que ele é Super-Homem? [...] Eu tô falando de uma relação de causa e efeito que devia existir, e simplesmente não existe: uma relação direta entre o quanto as pessoa trabalha e o quanto de dinheiro elas ganha. E como disse: cada pessoa devia ter o padrão de vida que merece [...]. (Falero, 2020, p. 10).

Mesmo com um grande borrão ético na decisão contraventora de Pedro, existia ali desenhado o perfil de um astuto administrador: pesquisa de mercado, análise de compradores, projeção de rentabilidade e lucro. Contudo, um diferencial fundamental ainda viria ser desenhado no empreendimento de Pedro. Ao perceber que as suas vendas tinham de ser aumentadas, decide angariar mais companheiros para a empreitada: o cunhado, Roberto, e o antigo empacotador do supermercado que trabalhava, Luan. Mas a proposta não era colocá-los como empregados, e sim como sócios, recebendo a mesma fatia do lucro, em divisão justa. Pedro incorporava na sua prática aquilo que tanto criticava da voracidade capitalista dos grandes empreendimentos. E, assim, o personagem se justifica:

[...] Marques, não é só ideologia, sangue bom. Quando tu disse que queria vender maconha comigo, o que tu ia achar se eu quisesse ganhar mais dinheiro que tu? Porra, mano, eu tô tentando melhorar a minha vida, porque eu preciso melhorar a

minha vida, mas tu também precisa melhorar a tua, então, tipo, cumé que eu ia oferecer menos grana? Com que cara eu ia propor uma coisa dessa? (Falero, 2020, p. 5).

Mesmo com o bom andamento dos negócios, ao fim, depois de severa guerra pelo ponto de tráfico, Pedro sucumbe e é preso. Podemos avaliar, portanto, que mesmo vivendo as bonanças do dinheiro e de uma vida, o supridor não consegue parar o trabalho em tempo de se manter livre - afinal, o seu objetivo inicial era se aposentar antes do destino trágico (já esperado) lhe consumir. A voz de Pedro, mesmo coerente, é atravessada por atos que o fazem tombar diante do próprio sistema.

Poderia, então, o subalterno falar? Conclamo a voz da indiana Gayatri Spivak para pensar que a voz de Pedro ou de Edgar Wilson ainda perpassam por clivagens em seus posicionamentos enquanto trabalhadores, mesmo que apresentem nuances diferentes. Pedro se cala pelo sistema carcerário e Edgar Wilson modula o grande silêncio em suas ações, pouco problematizadas em seu discurso. Tais narrativas se alinham à visão corajosa de Spivak, pois parece que ainda não existe um sistema que os coloque como articuladores dos seus desejos e exista um discurso que os emancipe, levando a uma transformação social maior, utopicamente mais ampla.

Seguindo para linhas conclusivas, mas provisórias, entendemos que os trabalhadores nas narrativas analisadas, por mais que tentem percorrer por fendas de subversão e resistência, ao final, se veem alijados. Por meio de Edgar Wilson notamos que ele passa por um terrível eterno retorno ao trabalho precário, vide o último livro da autora: *De cada quinhentos uma alma* em que ele reaparece tendo de lidar com os corpos que se acumulam nas ruas no auge da pandemia da COVID-19, em 2020. Já com o personagem de José Faleiro, o encarceramento o limita nos seus negócios, pois sabia que: "[...] pra eu poder ter uma vida bala algum dia, não tem jeito: eu vou ter que passar por cima da lei e arriscar essa vida fodida que eu tenho hoje." (Falero, 2020, p.11); e no seu direito de viver de modo mais digno, seu sonho, não consegue dentro da lei, nem fora da lei, restando-lhe a desilusão. Desilusão essa que é afagada com a escrita que se apresenta como seu único consolo - tal como podemos verificar nas últimas linhas do romance.

Desse breve panorama, cabe-nos pensar nas vozes de Max Ângelo e dos baianos precarizados nos vinhedos do Rio Grande do Sul. Tal qual os personagens, o silêncio de suas manifestações diante de um trabalho que agride é emudecido. A consciência da exploração violenta muitas vezes passa de modo tangente pelos seus corpos, mesmo que o corte lhe seja profundo nas suas carnes. A literatura, acredito, pode ter um papel preponderante na abertura

de vozes com vistas a uma formação crítica, humanista e cidadã voltada para o mundo do trabalho - que é destino (quase) inescapável de todos nós. Pedindo por empréstimo o título do simpósio que estamos alocados, cremos que o trabalho está aquém e além da compreensão dos excessos do mundo contemporâneo - tudo ainda muito difuso e nebuloso - mas somente a escrita e a linguagem podem nos "esperançar". Esta é, por fim, a aposta central desta pesquisa - encontrar força na crítica, em tempos recentes (e presentes) de tantas perdas .

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de Sociologia do Trabalho. 2ª ed. Londrina: Praxis, Canal 6, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BELEZZIA, Isabel. **A prosa pulp da periferia**: Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos, de Ana Paula Maia. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. UFRJ, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17399/14477>. Acesso em: 26 jun. 2023.

CARVALHO, Victor. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos** - Ana Paula Maia. Disponível em: <https://medium.com/literato/entre-rinhas-de-cachorros-e-porcos-abatidos-de-ana-paula-maia-db5462288588>. 2020. Acesso em: 25 jun. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

FALERO, José. **Os supridores**. São Paulo: Todavia, 2020, edição Kobo.

JUSTIÇA DO TRABALHO. **Trabalhador não obtém insalubridade por cortar e transportar animais mortos**. Tribunal Superior do Trabalho, 2012. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/web/guest/-/trabalhador-nao-obtem-insalubridade-por-cortar-e-transportar-animais-mortos>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MAIA, Ana Paula. **Enterre seus mortos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

REPÓRTER BRASIL. **RS**: Após caso de trabalho escravo, violações continuam. Repórter Brasil. 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/as-vinicolas-gauchas-nao-aprenderam-nada/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SOUSA, Aléxia. **Entregador agredido no Rio diz estar 'perplexo' após ex-atleta acusá-lo de homofobia**. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/04/entregador-agredido-no-rio-diz-estar-perplexo-apos-ex-atleta-acusa-lo-de-homofobia.shtml>. Acesso em: 23 jun. 2023.